

DF - Cruzeiro

Terra de samba e pioneiros



Monique Renné/CB/D.A Press - 5/5/07

Mudança compulsória

Nos anos 60, Brasília se tornou o principal foco migratório do Brasil. Pessoas de todos os estados vinham para o Planalto Central em busca de uma propriedade própria. Muitos servidores federais foram transferidos para Brasília por ordem do governo JK.

Gustavo Moreno/CB/D.A Press - 14/6/09



Praça central demarca território de bucolicismo, em plena era de urbanização

O cemitério

O Cemitério São Francisco Xavier é conhecido como Cemitério do Caju por se localizar no bairro de mesmo nome, na Zona Norte do Rio de Janeiro. No século 19, localizava-se às margens da então praia de São Cristóvão e recebia, principalmente, escravos. Foi mudado de lugar em razão dos aterros realizados na área.

» RAPHAEL VELEDA

O melhor do Cruzeiro se revela nas pequenas coisas. Nas conversas com os vizinhos a caminho da padaria, no jogo de dominó nos bancos da praça, no companheirismo das pessoas. "Aqui, o povo se ajuda. Dia desses, esqueci minha carteira em um quiosque e um rapaz que nem me conhece veio correndo atrás de mim. Fiquei emocionado", conta o servidor aposentado do Ministério da Saúde Armando Antunes, 72 anos, um dos milhares de cariocas transferidos na marra para o Planalto Central no início dos anos 60. Como a maioria, ele não gostou nada do que viu quando chegou, mas acabou criando raízes e transformou a cidade naquilo que sonhava. Hoje, "seu" Armando e outros 44 mil brasilienses dão parabéns ao Cruzeiro. Lá se vão 50 anos desde que as primeiras casinhas geminadas em uma rua de terra foram ocupadas por famílias recém-chegadas do moderno e consolidado Rio de Janeiro. E hoje é dia de apagar as velinhas, a partir das 10h, em frente ao ginásio de esportes da cidade.

Os atuais orgulhosos moradores de um local bem localizado, valorizado e com baixos índices de criminalidade já tiveram medo do que os esperava. "Imagina você sair de uma cidade como o Rio de Janeiro e vir morar no meio do mato, vendo aquela poeira vermelha. Deu um desânimo quando eu vi!", lembra a aposentada Ivone de Aratijo Eduardo, 78, que ganhou dos demais pioneiros o título de primeira moradora do Cruzeiro. "Eu cheguei em 30 de março de 1959. Tinha 27 anos na época. Meu marido, funcionário do Ministério da Fazenda, havia sido transferido, e eu, que trabalhava no INSS, também tive que vir". Trouxemos nossa filha de cinco anos", conta ela. "Quando conhecemos nossa casa (na Quadra 4, onde vive até hoje), não tinha ninguém ainda. Era desolador. Eu recebi as chaves da casa para mostrar a quem chegava. Em uns dois meses já tinha 10 mil pessoas aqui".

As casas eram todas iguais nas primeiras ruas. Logo de início, os cariocas compararam o cenário com cemitérios de Rio de Janeiro, em especial o do Caju, e nasceu o primeiro apelido da cidade ainda sem nome: Cemitério. Com o tempo, um grupo de aves que sobrevoavam diariamente a entrada do local, onde hoje fica a 3ª Delegacia de Polícia, garantiu um nome mais simpático para o local — Gavião, animal que também virou símbolo da escola de samba mais tradicional do DF. O nome definitivo da cidade seria inspirado na praça onde havia sido celebrada a Primeira Missa — a Praça do Cruzeiro.

Dona Ivone, que nunca abandonou o posto de enfermeira do INSS, se aposentou há 10

anos. Viu as quadras serem construídas, os serviços públicos serem instalados e a cidade se consolidar. Ama o Cruzeiro, mas aproveita para pedir a ação do governo na cidade. "Está muito feio. O mato está tomando conta, as praças estão abandonadas. Espero que essa data sirva para nos ajudar, já que Brasília está sendo toda reformada", reclama ela, que se emociona com a história do lugar. "Eu vi o sonho de Brasília ser construído. Vi as cidades crescendo: o Cruzeiro, o Plano Piloto, o Núcleo Bandeirante... Eu vi muita coisa. Acho que isso é importante né?" Certamente. Mevidamente, é ela quem vai cortar o bolo na festa que foi preparada para hoje.

Aruc

A história do Cruzeiro se confunde com a de sua histórica escola de samba, a Associação Recreativa Cultural Unidos do Cruzeiro (Aruc). Fundada em outubro de 1961 por pioneiros — entre eles, dona Ivone —, a agremiação é a maior vencedora de carnavales no DF, com 29 títulos desde 1962, quando começaram os desfiles.

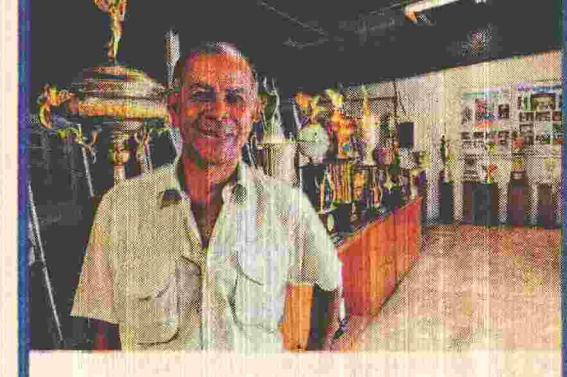
As cores da bandeira, o azul e o branco, remetem à escola de samba carioca Portela, pela qual torce a maioria dos fundadores. "Já o gavião do brasão é uma referência e homenagem ao Cruzeiro. Não tem nada a ver com a águia da Portela", explica Hélio dos Santos, presidente do conselho de administração da escola e filho de um dos fundadores.

Enquanto mostra orgulhosos os troféus bem polidos guardados em uma sala de honra da sede da Aruc, no Cruzeiro Velho, Santos fala também da atuação em outras frentes. "Sempre tivemos nosso braço esportivo, que é forte até hoje, e o nosso braço cultural, que deu visibilidade ao Cruzeiro", explica, contando uma história que envolve até o Correio. "A partir de década de 1980, fazíamos vários eventos culturais, como o Canta Gavião, na época da seca, que abria espaço para os artistas locais e fazia muito sucesso. É isso nos deu espaço na imprensa, sobretudo no Correio Braziliense. Então, o editor do jornal na época, Oliveira Bastos, um dia chegou a ressaltar para a diretoria a importância dos eventos culturais promovidos pela agremiação."

A Aruc aproveitou a visibilidade para reivindicar benefícios para o Cruzeiro. A agremiação levantou a história da cidade em arquivos públicos e particulares, identificando pioneiros e fatos que contribuíram para a sua consolidação. "Lutamos pela criação da administração regional, pelo dia do aniversário, da fundação. E conseguimos muita coisa. Hoje, sem sombra de dúvida, o Cruzeiro é uma das cidades mais valorizadas do DF, cercada por shoppings, hipermercados e todo tipo de serviço", avalia Santos.

Casinhas geminadas deram lugar a inúmeros prédios: cidade é um dos locais mais valorizados do DF

Rafael Ohana/CB/D.A Press



Hélio dos Santos, da Aruc:
"Sempre tivemos nosso braço esportivo e cultural"

Jornalista

Evandro de Oliveira Bastos (1933-2006), paraense de Peixé-Boi, foi secretário particular do poeta Oswald de Andrade, no Rio de Janeiro, trabalhou na fase áurea do Jornal do Brasil e foi diretor de redação do Correio Braziliense entre 1976 e 1982.

Ato religioso

Em 3 de maio de 1957, o presidente Juscelino Kubitschek, outras autoridades e alguns pioneiros assistiram à primeira missa celebrada no canteiro de obras de Brasília. A celebração, presidida pelo cardeal arcebispo de São Paulo, dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, foi realizada em um altar de madeira e lona.